

Política e religião: Bolsonaro sob o olhar da construção de um “mito”

Politics and religion: Bolsonaro under the perspective of the construction of a “myth”

EDLAINE GOMES
JULIO BIZARRIA
JULIANA BAPTISTA

RESUMO

Este estudo apresenta uma discussão preliminar sobre a circulação de grafismos, imagens e discursos em torno de Jair Messias Bolsonaro. Atentamos, particularmente, às diversas mediações religiosas e parareligiosas por meio das quais simpatizantes e antagonistas de Bolsonaro buscam dar sentido à projeção da personagem, desde a articulação de sua plataforma — ainda nos pródromos do golpe de 2016 — até as vicissitudes de sua presidência. Argumentamos que, na construção de sua plataforma, houve uma transição, marcada por *performances* e exibições de sua imagem, a exemplo do batismo no Rio Jordão, em direção a elementos que fizessem de Bolsonaro uma liderança decisiva e um ponto de ressonância do conservadorismo brasileiro. Entre os simpatizantes, o batismo de Bolsonaro reforça a visão dele como um herói e líder messiânico, encarnando o próprio Estado nacional. Entre os críticos, alguns ligados a religiões específicas, o batismo o apresenta como um oportunista, um anti-herói que afronta o Estado, a religião e a vida humana. Concluimos que esses discursos, em sua diversidade, recorrem às crenças religiosas comuns no Brasil como poderosos instrumentos metaideológicos, capazes de provocar tanto distanciamento quanto mobilização intensa.

Palavras-chave: Religião implícita; Baixo corporal; Bolsonarismo.

ABSTRACT

This study proposes a preliminary discussion on the circulation of graphisms, images and discourses around Jair Messias Bolsonaro. We highlight the myriad religious and parareligious mediations whereby his antagonists and sympathisers try to make sense of his character, since the articulation of his platform — still on the eve of the 2016 coup d'état — and until the vicissitudes of his presidency. We argue that, in the making of his platform, there was a transition, marked by performances and exhibitions of his image, such as his baptism in the Jordan River, toward the elements that made Bolsonaro into a decisive leadership and a point of resonance for Brazilian conservatism. Among supporters, Bolsonaro's baptism reinforces the view of him as a heroic and messianic leader, an incarnation of the national State itself. Among critics, some of whom are linked to specific institutional religions, the baptism presents him as an opportunist, an anti-hero who disrespects the State, religion and human life. We conclude that these discourses, in their diversity, resort to common religious beliefs in Brazil as powerful metaideological tools, capable of provoking both distancing and intense mobilisation.

Key words: Implicit religion. Material bodily lower stratum. Urban altars.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta uma análise sobre a circulação de imagens, *performances* e discursos em torno do personagem Jair Messias Bolsonaro, enfatizando, principalmente, a construção messiânica de sua imagem pública (Latour, 2008). Em outras palavras, buscamos problematizar o acionamento da religião como produtora de teodiceias, ou seja, como instância de legitimação ou justificação, em termos “religiosos”, de certas formas de cultura e ação política, frequentemente identificadas ao domínio do “secular” (Berger, 1967; Weber, 2000). Atentamos, particularmente, às mediações implícita ou explicitamente religiosas, por meio das quais simpatizantes e o próprio Bolsonaro buscaram dar sentido a essa projeção. Sugerimos, também, que mesmo atores não confessionais estão imersos em uma pluralidade de elementos “religiosos”, pautados de forma difusa entre os valores professados (Duarte *et al.*, 2009; Casanova, 1994).

Há uma profusão de materiais utilizados nas campanhas eleitorais ou de apoio ou repulsa a candidatos em eleições, ou mesmo ideologias não necessariamente delimitadas por períodos eleitorais. Tais materiais aparecem de diferentes maneiras e formatos, em camisetas, “santinhos”, cartazes, faixas, tatuagens, *outdoors*, painéis, estênceis, entre outros. São fotografias, charges, desenhos, frases de todos os tipos e formatos. Em uma busca rápida pelas redes sociais, é possível encontrar diversos exemplos desse tipo de expressão política que, contemporaneamente, são locais (digitais) privilegiados para a compreensão de fenômenos político-religiosos. A investigação que fundamenta esse texto, ainda em

andamento, contribuí para o mapeamento e análise de grafismos e imagens produzidos e sua disseminação.

As pesquisas conjuntas realizadas pelos autores partem de três noções principais: grafismos, altares urbanos e religião implícita. Por grafismos, compreendemos todas as formas de expressão material, incluindo tanto aquelas que possam ser consideradas como parte das culturas locais do grafite quanto outras expressões, como diversas técnicas de aplicação de pigmento, pôsteres, “lambes”, ladrilhamentos, abrasões seletivas etc. Nesse contexto, também são consideradas aquelas inscrições feitas com intenção não artística ou antiartística, além de expressões que, inicialmente realizadas com essa intenção, podem ter essa qualidade contestada ou rejeitada, em algum momento, por artistas e/ou pesquisadores/críticos.

Podemos definir “altares urbanos” como um conjunto de objetos, grafismos e imagens, dispostos em diferentes locais públicos, que mobilizam pessoas e coletivos, e influenciam as dinâmicas e o desenvolvimento do tecido urbano nas regiões onde estão instalados. Podem ser compreendidos como “monumentos” locais, de acordo com a intencionalidade e a ressonância manifestada, implícita ou explicitamente, em cada caso. A biografia cultural (Kopytoff, 1986) dos altares urbanos apresenta frequentemente elementos implicitamente religiosos. A religião implícita é objeto de um conjunto amplo e internamente diverso de pesquisas dedicadas a buscar a religião justamente onde ela se vela, em certos domínios do social que, excedendo formas históricas ou institucionais do fenômeno religioso, por vezes até mesmo em roupagem laica ou antirreligiosa, articulam atitudes cósmicas e estruturantes equiparáveis (Duarte, 2006, p. 10; De Groot, 2012, p. 458). Talvez a expressão religião civil seja a mais conhecida da vasta família dos estudos da religião implícita, sendo expressa, em especial, na obra de Robert Bellah (1991). Assim, o presente artigo apresenta parte dessas nossas discussões, que envolvem essas três noções norteadoras.

Para o presente artigo, foram analisados materiais produzidos entre 2016 e 2021, como imagens, performances e aparições públicas de Bolsonaro. Aludimos a episódios anteriores apenas na medida em que seja necessário colocar explicitamente o que entendemos ser a característica mais central e constante na trajetória de Jair Messias Bolsonaro, a saber, o elemento intrinsecamente cômico e grotesco que o persegue, que lhe deu origem e que influi decisivamente em qualquer resultado possível para seu projeto de poder — e seus aspectos religiosos.

A investigação de uma personagem construída, de modo principal, a partir de suportes nativamente digitais requer incluir os objetos digitais compósitos que Marie-Anne Paveau (2019) denomina tecnografismos. Já não se trata apenas de grafismos incidentalmente dotados de reprodutibilidade técnica (Benjamin, 1994; Benjamin, 2013), mas de aspectos decisivos do processo de iconização das imagens, de grafismos cuja destinação principal é a de circularem, de serem (re)postados em redes sociais digitais (Paveau, 2019, p.12). Os dados analisados enfatizam esses materiais como oportunidades para nos aprofundarmos nesse universo imagético, combinando representação visual e construção discursiva. Recorremos, ademais, à hermenêutica dos rituais e *performances* públicos, também caros à nossa equipe de pesquisa, atenta ao magistério de Victor Turner, para quem o ritual, ou a “sequência estereotípica de atos desenvolvidos para influenciar entidades preternaturais ou [outras] forças no sentido dos interesses e objetivos dos atores sociais” (Turner, 1977, p. 183, tradução nossa), estaria, mesmo em suas formas “laicas”, estruturalmente próximo do fenômeno religioso enquanto tal¹.

PECADO ORIGINAL (PARA QUEM?): COMO LAVAR UM “BUNDA-SUJA”?

Embora sempre pronto para expressar seu desagravo em face de diversos veículos de imprensa e seus profissionais, Jair Messias Bolsonaro surge na cena política nacional projetado, ainda em meados dos anos 1980, pela revista *Veja*, que lhe deu uma página inteira para assinar o texto da coluna “ponto de vista”, na edição de 3 de setembro de 1986. Em “O salário está baixo”, o capitão de artilharia disparava em defesa de algumas dezenas de alunos da Academia Militar das Agulhas Negras, no município fluminense de Resende, desligados, segundo o Estado-Maior, por “uso de drogas”, “homossexualismo” e outros casos de “indisciplina”, indicativos de falta de “vocação” para a carreira militar. Bolsonaro, egresso da casa, afirmava tratar-se de “casos isolados”, e que a questão teria relação, na

¹ Vale destacar que estamos abordando neste texto a construção do “mito”, a partir da trajetória e da figura de Jair Bolsonaro, no entanto, reconhecemos a importância de análises sobre a ressonância social desse processo, em particular, no que se refere ao campo da produção de sentimentos (adoração e admiração), individuais e coletivos, conforme análises provenientes da chamada “antropologia das emoções” (cf. Rezende e Coelho, 2010), que nos auxiliam na reflexão sobre, por exemplo, a emergência de um “líder carismático” e sua ressonância entre seus seguidores.

verdade, com a crise financeira que acometia as Forças Armadas e as perspectivas da carreira (Bolsonaro, 1986).

Trata-se de um texto relevante, pois indica decisivamente o que chamamos, aqui, de “pecado original”: a emergência e o desempenho de Bolsonaro no debate público estão entremeados pelo hedonismo, pelo grotesco e pelo baixo corporal (Bakhtin, 1996), possibilidades sempre presentes de troça, humilhação e rebaixamento, dos adversários políticos, como de si próprio. Quando, no último trimestre do ano seguinte, o capitão retornava às páginas de *Veja* (1987), fazia-o não como autor da reportagem, mas como suspeito de planejar, em protesto contra as condições salariais da caserna, detonar explosivos na Escola Superior de Aperfeiçoamento de Oficiais e em algumas outras unidades militares, como a própria Academia das Agulhas Negras, visando, mais precisamente, a seus banheiros. Aparentemente, não se tratava apenas de humilhar — novamente, por meio do baixo corporal — seus superiores: o plano também incluiria a explosão de uma adutora do Rio Guandu, o que comprometeria o fornecimento de água potável para a cidade do Rio de Janeiro e, portanto, o acesso ao saneamento básico pela população.

O capitão Bolsonaro foi absolvido em sessão secreta do Superior Tribunal Militar, pela conspiração das latrinas explosivas, mas punido com 15 dias de prisão pela publicação de “O salário está baixo” (Egypto, 2011; Carvalho, 2021). Compelido à reforma, Bolsonaro se lança no futuro incerto da política institucional, em 1988, a partir de uma base social angariada entre famílias de suboficiais e oficiais subalternos das Forças Armadas, das polícias militares e de outros setores do aparelho repressivo. Foi vereador do município do Rio de Janeiro em 1988 e deputado federal dois anos depois, militando, nas duas ocasiões, no extinto Partido Democrata Cristão, ligado a católicos leigos. Sua carreira legislativa seguiria ininterrupta, entre legendas do mesmo cariz, até a eleição presidencial de 2018.

A defesa da ditadura militar (1964-1985) sempre foi seu mote, e já lhe rendia críticas na imprensa nacional, novamente com recurso ao grotesco: em charge do cartunista Aroeira (1993), publicada no *Jornal O Globo*, aos 28 de junho de 1993², Bolsonaro, ainda deputado federal, é denominado “Estupidossauro bolsonarus: a maior besta que já caminhou sobre a face da terra”. A obra foi uma resposta ao discurso proferido pelo deputado, defendendo a ditadura. No desenho, o “dinossauro” carrega o rosto de

² A charge está disponível, para assinantes, no acervo eletrônico de *O Globo*, embora os termos de uso vigentes quando da finalização deste capítulo nos interditem a reprodução, mesmo para fins de pesquisa.

Bolsonaro e usa coturno. Aroeira atualiza a charge em 2021, com Bolsonaro na Presidência da República, com os dizeres: “Estupidossauro bolsonarus: ainda a maior besta que já caminhou sobre a face da terra. Redonda, não plana” (Aroeira, 2021). Na imagem, consta um segundo “dinossauro”, menor, com o rosto de Augusto Aras, então Procurador-Geral da República, que, em postura submissa, pergunta: “mas depois que tudo isso acabar, a vaga do Supremo é minha, né?”, aludindo aos conflituosos eventos da CPI da Covid no Congresso Nacional e à possível indicação para a corte, no que foi, afinal, preterido.

Antes de sua presidência, Bolsonaro era convidado a figurar em veículos de mídia que construíram sua imagem, aos poucos, como uma personagem cômica e linear, espécie de caricatura do antigo regime. Bolsonaro foi entrevistado pela rede de televisão aberta Bandeirantes, em 1999, e foi nessa ocasião que se afirmou disposto a fazer o que o regime militar não fez: em uma nova ditadura, de feitio propriamente cesarista, matar 30 mil pessoas, a começar por Fernando Henrique Cardoso (Bittencourt, 2017). No início dos anos 2010, em seu sexto mandato como deputado federal, por exemplo, Bolsonaro já era regularmente convidado a participar de diversos programas de rádio e televisão que, misturando humor e comentário político, deram significativa visibilidade à personagem. A partir do golpe de 2016, Bolsonaro foi alçado à condição de porta-voz das pautas conservadoras e da oposição ao Partido dos Trabalhadores (PT).

O que descrevemos até aqui é apenas a antevéspera do presidencial. Bolsonaro ainda era, segundo um antigo superior, o ex-presidente Ernesto Geisel, “um caso completamente fora do normal, inclusive um mau militar” (Geisel, 1997, p. 119) ou, no curioso jargão dos colegas de menor compostura, um mero “bunda-suja” (cf. Laporte, 1998). A revista *Veja* (Costa, 2017), em matéria de capa, publicou resposta do próprio Bolsonaro em suas redes sociais, que lançou mão de uma narrativa de sucesso, diferente daquela que marca sua biografia, dizendo que deixou o exército aos 33 anos para tomar posse como vereador, nada mais expressivo de sua trajetória vitoriosa, segundo sua leitura.

Bolsonaro e seus aliados se movimentavam com desenvoltura, mesmo após o período eleitoral, nos moldes de uma campanha permanente (Ciocari, Persichetti, 2019; Souza, 2019). Sabiam bem, portanto, que seu projeto de poder não seria viável sem estratégias para ressignificar os episódios menos palatáveis da trajetória do líder. Era necessário lavar a imundícia desconcertante de sua memória e dar-lhe algum verniz de heroísmo. Este seria encontrado, afinal, na figura do messias, convenientemente presente no próprio nome do capitão, e na articulação de uma identidade religiosa confessional, que oferecia, em suas formas sacramentais, os meios rituais para tanto.

O BATISMO AURÁTICO E SUA (IN)EFICÁCIA SIMBÓLICA

Observar a construção messiânica de Bolsonaro é retornar a um marco que tomamos como inicial: seu batismo nas águas do Rio Jordão, em 2016, tendo o efeito da publicização de uma “eleição divina”, nos moldes da narrativa bíblica. Aconteceu durante um período turbulento da política institucional (Lara, 2021), recorrendo a um dos mais importantes rituais da fé cristã. Mas o que poderia ser um ritual religioso individual e reservado, de pronto chamou a atenção por seu caráter de ato a ser publicizado. O corpo exposto publicamente se torna um marco em sua carreira desde então. Jair Bolsonaro, católico, foi batizado às margens do Rio Jordão, em Israel, pelo pastor evangélico Everaldo Dias Pereira (Nascimento, 2020), à época também presidente do partido ao qual Bolsonaro estava filiado, o PSC (Partido Social Cristão). Mais do que um batismo³, portanto, o evento foi programado e apresentado como uma peregrinação, um ato pio não estritamente sacramental, e do qual se esperava que os seguidores de Bolsonaro, pela mediação da técnica, participassem, apesar da distância.

Segundo a declaração de fé de uma das Assembleias de Deus no Brasil, são itens essenciais para a realização do batismo apenas “a imersão do corpo inteiro uma só vez em águas, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo” (Silva, 2017), não sendo necessária a viagem até Israel para sua realização eficaz. Ainda de acordo com tal doutrina, comum a várias outras Assembleias de Deus e mesmo a outras vertentes evangélicas, o batismo é a forma pública de se reconhecer a conversão, indicando, também, a ideia de “novo nascimento” mencionada no Evangelho de João, capítulo 3, versículos de 5 a 7 (NVI, 2020). O batismo nas águas do Rio Jordão simboliza essa passagem, a abertura de um caminho para a conquista do poder.

A referência bíblica e a *performance* correspondem bem à lição de Maurice Halbwachs sobre a conexão entre lugares e memória coletiva cristã, quando o autor diz: “É verdade que esses objetos, tal como aparecem, resultam de uma adaptação de crenças

³ A CBN Recife noticiou que Bolsonaro passou por um terceiro “batismo” (marcado com a cautela das aspas, no original), na Igreja Universal do Reino de Deus, a Iurd (Sampaio, 2019). A bênção, ministrada por Edir Macedo, líder e fundador da Iurd, ocorreu no chamado Templo de Salomão, erguido pela organização na capital paulista, para substituir, em parte, o papel de liderança da Sede Mundial, na capital fluminense. Trata-se também de cálculo político cuidadoso: a Igreja Universal, que ergueu os dois templos sobre uma concepção específica de autenticidade (Gomes, 2011), relacionada à “Terra Santa”, buscava, agora, emprestá-la à construção da personagem política de Bolsonaro, cimentando a autoridade do soberano.

herdadas do passado às crenças do presente” (Halbwachs, 2008, p.163, tradução nossa). Além dessa adaptabilidade, observa-se não ser necessário vivenciar a experiência religiosa no espaço religioso físico tido como referência, porque eles podem ser imaginados. Nesse caso, porém, a viagem reforça o simbolismo, realizando o trabalho eficaz da memória coletiva de fixação e transmissão. Nossa análise sobre o batismo e a peregrinação de Jair Messias Bolsonaro, no entanto, requer tomá-los como um só plexo simbólico, a que chamamos “batismo aurático”. Esta é a forma ritual encontrada para lavar a memória ingloria do capitão e dar-lhe um novo nascimento, em termos políticos e religiosos. Todos os episódios subsequentes de seu projeto de poder podem ser compreendidos como inflexões da (in)eficácia simbólica de seu batismo aurático, ora elevando o capitão ao arquétipo heroico-messiânico, ora lançando-o ao polo original, do cômico e do grotesco, dependendo de quem aciona tais imagens ⁴.

A experiência de passar pelo ritual do batismo nas águas do Rio Jordão, o mesmo rio em que, segundo a narrativa bíblica, Jesus foi batizado, como relatado no Evangelho de Mateus, capítulo 3, versículos 4 a 16 (NVI, 2020), é um bem de prestígio do turismo religioso mundial, algo possível apenas para poucas pessoas, e indicativo do padrão de vida e do *status* social de Jair Bolsonaro (Veblen, 2008; Bourdieu, 2007). Como gesto programado, porém, o batismo aurático buscava tanger os sentimentos religiosos de diversos interlocutores, associando Jair Messias Bolsonaro e sua comitiva a Jesus Cristo e seus apóstolos. O *locus* do ritual, desse modo, mesmo sendo teologicamente dispensável, era necessário para alavancar sentimentos de veneração à pessoa do líder, para constituir seu cognome em imagem e semelhança de Jesus, o Messias.

Significativo também que o ritual tenha ocorrido no mesmo dia em que o Senado Federal votava o impedimento da presidenta Dilma Rousseff, efetuando, mística e politicamente, o contraste entre a queda do projeto político do Partido dos Trabalhadores — identificado com a morte e com o pecado, “com tudo de ruim que taí”, como

⁴ O batismo aurático de Bolsonaro, capturado em vídeo, corresponde bem à condição dos tecnografismos conforme discutidos por Paveau (2019). Embora o registro tenha produzido uma profusão de outros espécimes, como montagens e memes, parece ser importante para os objetivos da plataforma bolsonarista que as imagens originais e seus direitos não possam ser facilmente remontados a uma pessoa ou grupo de pessoas, que pudesse, ao menos, ser consultado sobre a eventual reprodução, nestas páginas. Temos fundado receio de que os titulares desses direitos, lenientes com (re)postagens que demonstram apreço a Bolsonaro, poderiam surgir de brancas nuvens para constranger judicialmente quem utilizasse tais imagens em contextos de crítica ou de pesquisa.

costumam dizer Bolsonaro e seus seguidores — e a ascensão do novo líder ⁵. A queda, a ascensão, a morte e o “novo nascimento”. Portanto, a escolha da data e do contexto não nos parece sem razão, já que atualiza a dicotomia (bem e mal; sagrado e profano) e a polarização (direita e esquerda), que atuam de maneira complementar. O ato extrapola o caráter individual do ritual, sendo prontamente incorporado a uma narrativa sobre a salvação de uma nação “perdida”, e conferindo uma aura àquele que seria o líder de uma nação supostamente redimida, “terrivelmente evangélica”. É nesse sentido que a imagem da Figura 1, circulada em grupos de apoio ao presidencial no WhatsApp, buscava apresentá-lo como serafim, classe dos anjos mais próximos da divindade e, portanto, à altura do grande justicamento nacional que os fiéis-eleitores desejavam.



Figura 1: *Card* com a imagem de Jair Bolsonaro com asas de anjo, distribuído em grupos de WhatsApp. Fonte: Autoria desconhecida, 2018.

⁵ Vale lembrar que Bolsonaro havia votado, como deputado federal, pelo impedimento de Dilma Rousseff, bradando sua conhecida veneração ao coronel do Exército Carlos Brilhante Ustra, que torturara, durante a ditadura, aquela que viria a ser presidenta. Na mesma sessão de votação, em sequência, ao ser agredido verbalmente por vários deputados da direita que o cercavam, o então deputado Jean Willys, do Psol, cuspiu em Bolsonaro, em resposta às suas constantes agressões. O evento em si pode ser recuperado e integrado à nossa análise como um "mito de origem" que marca a genealogia das reações públicas a Bolsonaro. No início de 2019, com a posse de Bolsonaro na Presidência, Willys declina do mandato e sai do país, diante das constantes ameaças que vinha recebendo por parte de diversos grupos de extrema direita. O ex-deputado narra o evento em várias situações, como em entrevista a Lilia M. Schwarcz, em 21 de junho de 2021, disponível no Instagram da pesquisadora.



Figura 2: *Card* de Jair Bolsonaro com mãos divinas ao seu redor, distribuído em grupos de WhatsApp. Fonte: Autoria desconhecida. 2018.

A busca por santificação através da experiência dos lugares sagrados não é um caminho inovador, mas um gesto capaz de reposicionar o *status* social de quem pode realizar tal feito, pois Israel é o foco de deslocamentos de integrantes das três maiores religiões abraâmicas (Judaísmo, Cristianismo e Islã).

Ocupamo-nos, aqui, do campo cristão, dos evangélicos pentecostais em particular: estudos evidenciam uma conexão histórica, não limitada às peregrinações, entre essas denominações e o Estado de Israel. O próprio Maurice Halbwachs (2008), no seminal *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte* (publicado originalmente em 1941), identificava que os lugares escolhidos pelos cristãos, no roteiro das peregrinações ao Levante, coincidiam amplamente com aqueles já consagrados pela memória judaica, conferindo uma imagem de permanência e estabilidade. Pesquisas mais recentes têm se voltado à problematização das repercussões políticas e institucionais de tal vínculo, especialmente na releitura realizada pelo campo evangélico pentecostal. São distintas as formas de acionamento dessa relação: Gherman (2009) analisa a instalação de igrejas pentecostais brasileiras em Israel; Gutierrez (2010) acompanha o caso de uma “sinagoga” fundada na periferia da cidade de São Paulo por um ex-pastor da Assembleia de Deus; Gomes (2011) discute a incorporação de “Israel” nos discursos e práticas da Igreja Universal do Reino de Deus, em sua trajetória institucional; e Lehmann (2021) aborda tais

conexões no contexto político atual. Vital (2024) discute as motivações de moradores de favelas e periferias no uso de símbolos judaicos e da bandeira de Israel. A leitura desses autores evidencia o caráter dinâmico do uso de símbolos, rituais e objetos referidos diretamente ao Antigo Testamento e a Israel, ou que se inserem em dinâmicas identitárias, culturais e políticas. De toda forma, é possível identificar tensões no que se refere a disputas por autenticidade e reconhecimento.

Para a presente discussão, a questão da autenticidade conferida pelo batismo realizado *in loco*, no Rio Jordão, indica um repertório pré-existente, que possibilita o reconhecimento de códigos compartilhados por um público amplo e diversificado de possíveis eleitores, que ressignifica as referências simbólicas dos lugares de memória. Novamente, Halbwachs (1990, p. 143) nos auxilia na compreensão do fenômeno, observando que "uma sociedade de fiéis é conduzida a distribuir entre os diversos pontos do espaço o maior número de ideias e imagens que são por ela defendidas". Na mesma medida, à dimensão simbólica de um certo "Israel mítico" (Gomes, 2011), é acrescido o teor da relação com o "Israel político", na plataforma de Bolsonaro. Resulta desse acréscimo que, muitas vezes, o mítico e o político apareçam como mutuamente indissociáveis, nos discursos produzidos nesse contexto, e na recepção do eleitorado cristão⁶.

Retornemos, pois, às diversas implicações desse batismo aurático sobre o projeto de poder de Bolsonaro e sua plataforma. Na narrativa bíblica, o batismo de Jesus é o marco inicial de sua atuação pública, como registra o livro dos Atos dos Apóstolos, capítulo 10, versículos 37 a 38 (NVI, 2020). Acionando tais circunstâncias políticas, simbólicas e religiosas, esse ritual estabelece um vínculo político com Israel, que pode não estar nítido no evento em si, mas é corroborado por ele. Dois anos depois do batismo, em 2018, no momento da campanha eleitoral para presidente, um vídeo sugestivo desse vínculo circulou pelas mídias sociais, repercutindo dentro e fora do campo evangélico. O próprio Bolsonaro, ainda candidato, (re)publicou um vídeo, no YouTube, em 26 de setembro de 2018, com curiosa chamada em caixa alta: "QUE BACANA! Os 27 estados do Brasil representados por apóstolos (sic) fizeram um ato no Rio Jordão em Israel" (Bolsonaro, 2018). Em 40 segundos, as imagens mostram um cenário composto por um grupo de pessoas vestidas

⁶ Lembramos que a mudança da embaixada brasileira para Jerusalém foi uma das promessas de campanha de Bolsonaro, em consonância com os governos conservadores de extrema direita de Donald Trump (EUA) e Benjamin Netanyahu (Israel), postura que desencadeou controvérsias.

com batatas brancas, dentro do rio, enquanto respondem a alguém que fala ao microfone. Nota-se que as pessoas estão perfiladas de maneira a formar o número do candidato. Pode-se ouvir o seguinte diálogo: “Qual é o nome do nosso líder? Bolsonaro! Qual é o nosso número? 17! Presidente da República? Bolsonaro!”. Passam a repetir em uníssono: “mito, mito, mito, mito”, com todos comemorando. Na sequência, o locutor diz: “Pessoal, há dois anos atrás (sic), ele se batizou aqui”. O jornal *Correio Braziliense*, em 04/10/2018, reproduzindo matéria da Agência Estado (2018), repercutiu o vídeo com a chamada “Vídeos de evangélicos na web alimentam tom de adoração a Bolsonaro”. As redes sociais, cruciais para a organização de sua campanha política, já davam o tom de sua capacidade de reprodução e segmentação discursiva.

Durante a campanha eleitoral, e mesmo após a eleição, Bolsonaro parece se comunicar de forma quase exclusiva com seus apoiadores, realizando regularmente lives em suas redes pessoais no X, outrora Twitter, e no Facebook, que contam com a presença quase exclusiva de seus apoiadores.

ELEITORES: O REBANHO NOS “FRONTS DIGITAIS” DA “GUERRA HÍBRIDA”

Analisar o perfil de seus apoiadores é fundamental para estabelecer relações com a estratégia de comunicação do presidente. Em uma tipologia proposta por Kalil e sua equipe de pesquisa (2018), pode-se perceber que, apesar de extremamente diverso, esse perfil pode ser sintetizado, e tal estudo apresenta várias pistas de interesse para a presente discussão. Dentre os 16 perfis identificados, há aqueles diretamente ligados à religião institucional, como os tipos 13 e 14, descritos da seguinte forma, respectivamente: “Líderes religiosos: a defesa da família contra o ‘kit gay’ e outros pecados” e “Fiéis religiosos: cristãos pela ‘família tradicional’”. Nossa reflexão toca diretamente tais tipos, por abrangerem os atores ostensivamente religiosos da base social de Bolsonaro, incluindo lideranças do campo religioso confessional, com alvo nos supostos ataques da chamada “ideologia de gênero”; assim como aponta o tipo “fiéis religiosos”, caracterizados por uma “família tradicional”, predominante ou presumivelmente cristã. Nossa abordagem sugere que há vários tipos que se relacionam com valores religiosos de forma difusa ou derivada, sem desconsiderar sua associação a esse conjunto de valores. São casos, por exemplo, como os das “Mães de direita” (“Por uma escola sem ideologia de gênero”); da “Masculinidade viril” (“Armas para os civis fazerem justiça com as próprias mãos”); das “Pessoas de bem” (“Instituições

fortalecidas para o fim da impunidade”) etc. As temáticas concernentes a sexualidade e gênero são, quase sempre, atravessadas por valores religiosos, em especial quando postas no debate público, e/ou quando há reivindicação de direitos (Natividade, Alves, Rocha, 2021).

Outras pesquisas abordam o período da eleição e as aspirações dos eleitores de Bolsonaro, como a realizada por Pinheiro-Machado e Scalco (2018) entre a juventude. As autoras observam como um de seus interlocutores, um jovem periférico, aciona a ideia de uma "ética do apelo à ordem", que estaria em Bolsonaro e na adesão religiosa. Outro interlocutor admira o mesmo perfil ordenador, identificado no tráfico local e, também, no candidato em questão, já que ambos defendem "regras positivas", entendidas como necessárias ao controle social. Tal postura suplanta as demais características manifestadas por Bolsonaro em suas falas públicas, basicamente preconceituosas (racistas, sexistas, homofóbicas etc.), que são recorrentemente qualificadas como “brincadeiras” (p. 10). Essa ideia de “ordem” também está associada à narrativa da carreira militar, base da construção de sua *persona*. É interessante notar que, embora esse percurso tenha sido abortado prematuramente, em sua trajetória, tendo em vista sua aposentadoria compulsória, marcada por eventos controversos, ser “capitão” do Exército é um marcador político-identitário fundamental associado às noções como ser “idôneo”, “incorrupível” etc.

A criação de Bolsonaro como figura pública capaz de aglutinar essa multiplicidade de admiradores/seguidores teve como base um trabalho em rede, como indicado por Leirner (2018): “a maior parte da informação deles é passada em rede”. Isso não se deve só aos oito segundos de TV, mas ao fato de que tal ferramenta de comunicação direta das redes desestabiliza os canais tradicionais, trazendo um “empoderamento” ao “cidadão comum” que vincula tais informações a uma lógica do conhecido/familiar — “recebi a informação de um amigo e por isso repassei”. O jogo de palavras utilizado em sua campanha ou exposição pública também aciona não apenas várias camadas cognitivas, mas um projeto de poder. Segundo Leirner (2020), faz parte da guerra híbrida, em virtude de suas qualidades homólogas, “a percepção das redes sociais como equivalente bélico do ‘terreno’ nas guerras clássicas”. É a partir do linchamento permanente do inimigo “de plantão” (Rocha, 2021) que ocorre a construção do “fenômeno bolsonarista”, pretendido como patamar mais elevado de uma moral política e cristã.

Na busca por “tempo de tela”, ou seja, a atenção direcionada dos usuários, em um sistema em que a visibilidade, o compartilhamento, a (re)postagem e o clique são os

objetivos principais, é preciso manter os eleitores engajados — um processo que modifica a própria “natureza” da forma política, culminando no que Cesarino (2020a) chama de “digitalização da política”. Segundo a autora, quando a definição de nossas identidades políticas individuais, os modos de ação política coletiva e até nossas escolhas eleitorais são cada vez mais construídas através dos meios digitais, transforma-se não apenas o conteúdo do que entendemos como política, mas a própria forma de fazê-la. Longe de criar um espaço neutro (Dijk, 2019), a lógica da comunicação nas redes parece ser pensada segundo estratégias de marketing personalizadas. Nas redes bolsonaristas, particularmente, há um devir permeado por um tipo de imediatismo e temporalidade de crise constante (Cesarino, 2020b), que encontra pouca ou nenhuma fundamentação no nível real dos processos democráticos longos e complexos do cotidiano. Conforme se expande a influência que plataformas como o Facebook, o antigo Twitter e o WhatsApp exercem nas tarefas do cotidiano e aumenta de modo significativo o número de usuários dessas plataformas, ocorre também a customização de informações através de filtros e algoritmos, que disparam mensagens personalizadas para públicos específicos, a partir dos materiais mais acessados por cada pessoa.

Assim, essa configuração de crise e imediatismo também autoriza a rapidez na desumanização do outro que não compartilha das mesmas convicções do meu grupo, sendo esse “outro” tomado cada vez mais como inimigo, e não como adversário (Schmitt, 1992). Essa técnica, de desqualificação, encontra respaldo nas redes e “viraliza” através dos youtubers, e publicações orquestradas nas redes sociais, que promovem uma ação coordenada de likes e *dislikes*, incluindo disparos massivos de mensagens no WhatsApp, uma rede que alcança a esfera privada de milhões de pessoas com uma velocidade nunca antes pensada. A estratégia de antagonismo ganha eficácia ainda maior, por essa hiperindividualização da esfera pública e mesmo cenas “cômicas” protagonizadas pelo presidente são operacionalizadas, transformando-se as críticas recebidas pelo presidente em elemento justificador da própria narrativa bolsonarista (Ferreira, 2020).

Dito de outro modo, tudo o que se alega contra Bolsonaro se torna argumento a seu favor, através da estratégia de comunicação massiva e direta. Assim, Jair ironiza os ataques que recebe, reforça a narrativa da perseguição e cria novas palavras, que possuem significado específico para seus seguidores, mantendo o vínculo com eles e fechando os cercos digitais, para que as informações socialmente aceitas sejam sempre as que circulam entre os que compartilham as mesmas trincheiras. Os memes são usados como recurso

afetivo de efeito argumentativo, fomentando a produção de imaginários e mitos (Popolin, 2019).

Nessa lógica, segundo a qual soluções mágicas estão *a um click* de distância, o surgimento de um líder carismático e salvador, que se posiciona acima das instituições, promete restaurar a confiança nacional, suplantando-as e instrumentalizando-as. O momento em que lógicas democráticas fundamentadas na confiança — como a ciência, o jornalismo e o sistema jurídico — são colocadas em xeque é o liame de desestruturação, necessário para que tais discursos ecoem. O que emerge desse processo simbolicamente é uma personagem que aciona, conjuntamente à sua imagem política, aquela de um líder espiritual, através dessa lógica dos contrários que, segundo Raoul Girardet (1987), também proporciona referências propícias para a formação de mitos, pois associa símbolos de purificação e inflama antagonismos. Somando-se a isso as desigualdades hierárquicas, formadoras da sociedade brasileira, tais discursos caem como uma luva a esse ultraliberalismo reacionário (Rocha, 2021).

Bolsonaro não participou de debates geralmente realizados entre candidatos ao principal cargo do Poder Executivo, mas concedeu entrevistas e participou do circuito digital, voltado a seus seguidores. Durante o período eleitoral para o pleito de 2018, algumas dessas intervenções foram transmitidas em telões, em diversas igrejas evangélicas. Vale mencionar que na terça-feira, 31 de outubro de 2018, em seu primeiro ato público depois do segundo turno das eleições, Jair Bolsonaro visitou a Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, do Pastor Silas Malafaia, onde, recém-eleito, agradeceu por estar vivo (em uma menção ao atentado que sofreu, a facada). Foi nessa ocasião que Bolsonaro afirmou que não era o mais capacitado, mas que “Deus capacita os escolhidos”, reforçando a imagem de um eleito divino, sob o fino véu da modéstia (Jovem Pan, 2018). Na mesma semana, participou de culto na Igreja Batista Atitude, frequentada por sua esposa Michelle Bolsonaro, onde foi convidado ao púlpito pelo então pastor presidente Josué Valandro Jr., destacando que o capitão “foi eleito porque Deus quis” (Rede Globo, 2018). Assim, para o eleitorado religioso de Bolsonaro (não apenas o eleitorado cristão pentecostal, diga-se), os atos públicos do líder como presidente eleito parecem sobrepujar a importância daqueles que sucederam sua posse.

Algumas matérias jornalísticas pesquisadas traçam um percurso interessante na narrativa do “mito”. O batismo, como mencionado anteriormente, realiza a transição e a transposição aurática do presidente. Por conseguinte, o episódio da “facada”, em setembro

de 2018, durante o período eleitoral (G1, 2018), teria vinculado o martírio à sua imagem messiânica. Em se tratando de um autoproclamado patriota, divinamente escolhido para ocupar o poder, seus interlocutores viram, de pronto, um golpe contra a personificação do Estado nacional (Kantorowicz, 1998). A comprovação mais visceral e candente dessa hipótese nos foi oferecida diretamente por vários eleitores de Bolsonaro, que compareciam aos locais de votação, nos dois turnos da eleição, com uma apresentação nova de uma camiseta já bastante comum em suas fileiras, a que trazia os dizeres “meu partido é o Brasil”. Esses grafismos móveis, protéticos e reproduzíveis, em suas variantes pós-atentado, costumavam trazer uma estilização da marca ensanguentada, sugestiva da ação de objeto perfurocortante (a faca de uma personagem misteriosa, ou a lança de um soldado romano), às vezes sobre o “i” de Brasil, às vezes sobre um dos flancos do tórax.

Em entrevista à rede de televisão aberta Record, em outubro de 2018, Michelle Bolsonaro afirmou que a recuperação do marido “foi um milagre” (Haubert, 2018). Nas redes, apoiadores criaram (tecno)grafismos que permitiam estabelecer um paralelo entre o “sacrifício” de Bolsonaro e o sacrifício de Jesus. Bolsonaro era como o cordeiro imolado que seria usado por Deus para restaurar a nação. Durante o período em que permaneceu no hospital, diversos grupos levantaram jejuns religiosos pela sua recuperação, e foi dito que o presidente tinha o “estômago blindado”. Em entrevista à GloboNews, seu filho Flávio Bolsonaro declarou: “Foi a mão de Deus que agiu (para proteção)” e chegou a afirmar que isso fortaleceria ainda mais sua campanha (Estadão conteúdo, 2018).

Essas teodícias do clã Bolsonaro e seus simpatizantes decorrem, de modo imediato e necessário, de seu próprio projeto de poder, na tentativa de constituir o patriarca como líder messiânico (Weber, 2000). Em outras palavras, se Jair Bolsonaro pretende ser um messias, todos os acontecimentos envolvendo sua pessoa deverão ser permeados por dramas sociais (Turner, 1980) que estabeleçam a dimensão cósmica de sua passagem pela Presidência da República e de sua atividade política em geral. Para os segmentos que permanecem fiéis a Bolsonaro, ele constitui uma força estruturante do nomos cósmico (Berger, 1967); para aqueles que se opõem (ou passaram a se opor) a ele, a mesma personagem constitui, como se verá, uma força primordial de anomia e desagregação, um adversário de proporções igualmente cruciais.

Com a vitória nas eleições, o conjunto do drama messiânico — batismo, morte (facada) e ressurreição — se cumpre. Não obstante, durante o período da Páscoa de 2020, o presidente resgatou o episódio em suas redes, afirmando: “(...) já que hoje se fala em ressurreição. Eu não morri, mas estive no limite da morte” (Ribeiro, 2020). Em transmissão

pela rede SBT, buscando galvanizar seus interlocutores no mesmo espanto do apóstolo Tomé, o presidente levantou a camisa para mostrar suas cicatrizes (Arias, 2019).

Como vimos, a alusão à “fachada” se tornou recorrente no mandato de Bolsonaro. Diversas poderiam ser as ponderações sobre a imagem reproduzida pelo presidente sobre sua “quase morte” por uma internação, mas a descrição da historiadora Lilia Schwarcz (2021) dá o tom dos aspectos auráticos estabelecidos na montagem da cena. Reproduzimos, então, sua postagem:

Nessa imagem, o presidente pode ser visto deitado numa cama de hospital, todo cheio de fios que o conectam a uma máquina. O conjunto funciona de maneira a destacar a figura do mártir da nação. [...] Tal qual Cristo na Cruz ele traz o dorso nu; ao invés das tachas e pregos nesse caso são fios que prendem o corpo do presidente. Essa associação fica evidente se observarmos do lado esquerdo o braço de um sujeito recoberto por um tecido escuro. Ele pousa sua mão no ombro do presidente, como que o abençoando. A mensagem é clara: aí está um homem (um messias/mito) que sofre por nós como Cristo (...). (Schwarcz, 2021).

Diversos foram também os grafismos que expressavam a ironia da situação. Afinal, nos dias anteriores à sua internação, o presidente afirmara estar “cagando” para uma possível investigação da CPI, buscando o baixo corporal, desta feita, pela própria iniciativa. Charges, memes e publicações debochavam da situação, quando apoiadores do presidente, então, pediram “sensibilidade” à condição de saúde do líder. Esse foi o estopim para que viessem à tona, como forma de reação, exatamente as mesmas falas que Bolsonaro havia proferido durante toda a pandemia da Covid-19, em desdém daqueles que pediam providências no combate à pandemia e alertavam para a letalidade da doença: “Eu não sou coveiro”, “chega de frescura e mimimi”, “Vão ficar chorando até quando”, “E daí, lamento, quer que eu faça o quê?”. Se o presidente reforça o papel de seu corpo como grafismo (o conhecido gesto da “arminha” seria outro exemplo icônico), a oposição reforça o descuido com os corpos dos mais de 700.000 brasileiros mortos por Covid-19, ao compilar e reproduzir memes com as mesmas frases.

Em abril de 2020, Bolsonaro disse: "Sou Messias, mas não faço milagre". Poderia parecer um prenúncio de quebra da narrativa, da “aura”, do messias, mas acabou não sendo assim para seus seguidores fiéis, embora tenha perdido a eleição seguinte para Luiz Inácio Lula da Silva, com repercussões que seguiram os moldes previsíveis da postura bolsonarista. No entanto, tal análise foge ao período que prometemos analisar neste artigo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE GRAFISMOS E UM (IN)CERTO “MESSIAS DE ARMA NA MÃO”

A multiplicidade de suportes transforma o conceito de grafismo em algo abrangente que permeia diferentes aspectos das relações sociais, incluindo o corpo. Ao abordarmos o efeito e a (re)produção de tais formas, avançamos em direção àquilo que se configura cada vez mais como gesto-memória-incorporação, como exercício de poder e ferramenta de contágio. O gesto, como já nos advertia Marcel Mauss [1936] / (2003), ou seja, “um ato tradicional eficaz”, pode sempre tomar uma dimensão de resposta corporal a tal ponto naturalizada, que se estabelece como resposta cognitiva automática, em uma disjunção de forma e conteúdo. Nesse sentido, o gesto icônico durante toda a campanha de Bolsonaro, a “arminha”, acompanha nosso relato, ao impor-se como uma narrativa própria, deslocada de seu possível sentido original.

Se, por um lado, o apontar dos dedos indicador e polegar esboça o formato de um revólver, concretizando uma dimensão bélica do gesto, por outro lado, também inscreve ferramentas simbólicas dos antagonismos religiosos e parareligiosos que analisamos até aqui. Configura-se um “messias de arma na mão”, como versado pelo samba-enredo de autoria de Luiz Carlos Máximo e Manu da Cuíca para a escola de samba Estação Primeira de Mangueira no carnaval de 2020, destacando, através desse gesto corporal, a própria arma/instrumento da eliminação do “outro” em si (Baptista, 2021).

O gesto, que pretende aglutinar e identificar os soldados do “exército de Cristo”, demonstra ser possível, mesmo se aparentemente paradoxal, o alinhamento entre culturas armamentistas e cristianismo. Nesse sentido, além de funcionar como simples jogo com as mãos, facilmente identificável e reproduzível por qualquer pessoa, o gesto da “arminha” se alinha às propostas do governo, constituído em parceria com grupos pró-armamento, paramilitares e militares. A política de facilitação da compra e do uso de armas de fogo, um dos carros-chefes da plataforma bolsonarista, encontra apoio nos mais diversos ambientes, incluindo os eclesiásticos. Aludimos, como exemplo, à imagem de Jair Bolsonaro ajudando uma criança a fazer a “arminha” com as mãos. Também foi possível obter diversos vídeos e fotogramas de evangélicos e católicos, em suas respectivas igrejas, performando coletivamente o gesto belicoso e circulando registros de seu êxtase em várias plataformas durante a campanha eleitoral de 2018.

Em contraposição, houve também diversas respostas, simultâneas ou posteriores, como vemos no olhar crítico de Toni D’Agostinho. Em seus trabalhos, o artista enfoca

justamente as características bélicas do corpo da personagem: o gesto da arma na mão, o corpo putrefato, a munição — curiosamente semelhante a pílulas verde-amarelas, à panaceia patriótico-negacionista — cuspidada da boca e armazenada onde deveria haver um cérebro. O artista retrata, assim, a figura de um morto-vivo, que permanece em ação mesmo em seu túmulo, e cujo dano infligido à sociedade excederia sua própria vida.



Figuras 3 e 4: charges de autoria de Toni D'Agostinho (2021). Fonte: Facebook e Instagram do artista, respectivamente.

Essas associações, que impõem estranhamento para uns e naturalidade para outros, vêm se tornando recorrente nos símbolos, frequentemente acionados em todos os matizes do espectro político brasileiro. Quando temos notícias e trabalhos até mesmo sobre os “traficantes de Jesus”, conforme evidencia a obra de Vital (2015), acumulamos evidências de estarmos no limiar de um novo regime sociopolítico. Os “exércitos de Cristo”, os “gladiadores do altar” e os “gladiadores de Cristo” — nisto, ao menos, juntam-se aos traficantes cristãos — atuam todos por meio de códigos compreensíveis e incorporados, mas não necessariamente manifestados ou aceitos da mesma maneira (Gomes e Sá, 2016)⁷.

⁷ O pastor Zé Barbosa Jr. (2021) lembra, em recente artigo de opinião, que é importante remontar ao período do final dos anos 1980 e início dos anos 1990 para compreender o "bolsonarismo evangélico" a partir de cânticos como "O nosso general é Cristo". A letra diz assim: "Pelo Messias, marchamos sim. Em Suas mãos, a chave da vitória, que nos leva a possuir a terra prometida. O nosso general é Cristo. Seguimos os seus passos. Nenhum inimigo nos resistirá". Algumas conexões são importantes neste processo: a ideia de batalha espiritual e conquista bem como a centralidade do Antigo Testamento como fonte de vitória e temor a Deus (Mariz, 1999) são fundamentais para a construção e transmissão/incorporação/adesão de cristãos ao bolsonarismo.

Se a lógica de guerra híbrida em fronts-digitais aqui descrita encontra, nas imagens produzidas nas redes, os materiais para sua munição, argumentamos que o próprio corpo é, também, terreno de disputas do imaginário. Assim, corpos podem receber ordens e executá-las, como faria um soldado ou “robô de Bolsonaro”⁸.

A imagem pública de Bolsonaro não se associa exclusivamente ao campo explicitamente religioso, mas conflui com interesses socioeconômicos e morais difusos. Observamos que Bolsonaro pode ser chamado de “popular”, “brincalhão”, “espontâneo” ou de outras qualificações positivas por aqueles que defendem seu mandato. Essas mesmas qualidades, contudo, conformam, entre seus opositores, qualificativos como “fanfarrão” e “palhaço”, para nos mantermos entre os mais brandos, mas significativos, diante de sua relação originária com o riso cômico e com o baixo corporal⁹.

Se, por um lado, seus apoiadores buscam reforçar uma característica messiânica, o cerco criado por tais antagonismos reúne ainda outros insatisfeitos. Estes, a despeito das diferenças políticas e divergências, se reúnem em torno de um movimento semelhante ao “Ele Não”, que levou milhares de manifestantes às ruas durante o intervalo entre o primeiro e o segundo turno das eleições, embora sem o efeito esperado. Por todo o país, foi possível ver, na multidão e suas multiplicidades, grafismos representando Bolsonaro como besta-fera (diabo, demônio e satanás, entre outras representações de malignidade). Cartazes, lambes e bandeirões promoveram uma ocupação imagética de desagravo.

Os grafismos produzidos pela oposição se contrapõem diretamente à aura messiânica construída pela campanha permanente de Bolsonaro (Cioccarri e Persichetti, 2019; Dezé, 2013) dando lugar a inúmeros objetos de uso cotidiano, mas que passam a se tornar suporte para conteúdos engajados. Aqui entra em disputa a vinculação de Bolsonaro ao “mal”, que precisa ser expurgado, como no jargão “fora Bolsonaro”. Essa palavra de ordem não causaria maior surpresa se figurasse apenas em camisetas, bandeiras e materiais que tais; é sua presença em suportes exóticos, como panos, esfregões e materiais para a limpeza de latrinas, que confirma nossa hipótese sobre a presença do baixo corporal na

⁸ A expressão parece surgir de um vídeo em apoio ao candidato, resposta a provocações de que seus apoiadores seriam *bots* — ou seja, autômatos ou semiautômatos que recebem instruções para produzir, artificialmente, interações em redes sociais e suportes nativamente digitais (Gorwa; Guilbeault, 2018). No vídeo, homens e mulheres enfileirados caminham em direção à câmera simulando movimentos de supostos robôs. As imagens circularam simultaneamente como apoio e como chacota.

⁹ Se o cognome Messias alimenta o projeto messiânico de sua plataforma, opositores de Bolsonaro não tardaram a corromper seu sobrenome em Bozo, o mesmo nome do palhaço estadunidense, franqueado pela rede de televisão aberta SBT, nos anos 1980 e início dos anos 1990.

carreira de Bolsonaro e na esfera pública do Brasil contemporâneo. Associar a imagem de Bolsonaro ao que é socialmente veiculado como vil e perverso é recorrente, como no caso do boneco distribuído no Sábado de Aleluia, para ser malhado como Judas, pelo bar "Casa Porto", do Rio de Janeiro. O boneco associava a imagem de Bolsonaro a Hitler, emprestando-lhe o conhecido bigode. Tal associação aparece em muitos objetos produzidos em rechaço ao presidente, mas até mesmo em ações de sua plataforma. As nomeações que associam Bolsonaro à malignidade estão também em outras formas de manifestação, ratificando o quanto o imaginário religioso nacional se conforma às observações de Droogers (1987) sobre nossa "religiosidade mínima". Com a existência de códigos internalizados e reconhecíveis, torna-se possível que tanto opositores quanto simpatizantes da plataforma bolsonarista se expressem em termos religiosos quanto à proposta de sacralização do "mito". Fazem-no, em cada lado, animados por uma mesma concepção religiosa de mundo, na qual há uma constante luta entre "o bem" e "o mal". Esse antagonismo cósmico aparece até mesmo em manifestações "laicas" de crítica política ou humorística. Nessa dinâmica trágica, a personagem em questão é representada por grafismos que expressam significados antagônicos.

Dentre as muitas implicações de realizar um trabalho de "memória do tempo presente" estão as ações extremamente dinâmicas dos múltiplos agentes, meios, suportes e mediações existentes, pois há um repertório diverso de grafismos nas redes sendo produzido diariamente. Tais grafismos aparecem permeados de confrontos e de concordâncias, tendo em vista que, de maneira quase instantânea, uma imagem pode ser produzida, replicada, editada e transformada num significado inteiramente diverso do original. Assim que uma imagem é postada nas mídias, outras milhares surgem também torcendo os sentidos, o que inclusive põe em xeque a taxativa "polarização", pois a diversidade é imensa. Para fins de conclusão deste percurso estabelecido até aqui, destacamos que imagens reforçam construções simbólicas, congregam identidades e produzem imaginários

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi. 3 Ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996.

BAPTISTA, Juliana. Não existe messias de arma na mão: O Jesus da Gente no samba da Mangueira em 2020. XX Congresso Brasileiro de Sociologia. Belém (PA), 2021.

BELLAH, Robert N. Civil religion in America. In: Beyond belief: essays on religion in a posttraditional world. Berkeley: University of California Press, 1991. p. 168-189.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7 Ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994. p. 165-196.

BENJAMIN, Walter. O capitalismo como religião. Organização de Michael Löwy. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2013.

BERGER, Peter L. The problem of theodicy. In: The sacred canopy: elements for a sociological theory of religion. New York: Random House, 1967, p. 66-98.

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

CASANOVA, José. Public religions in the modern world. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CESARINO, Letícia. A virada digital do populismo: a cauda longa de uma transição profunda e complexa. In: IHU-UNISINOS, 2020a. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/601291-a-virada-digital-do-populismo-a-cauda-longa-deuma-transicao-profunda-e-complexa-entrevista-especial-com-leticia-cesarino>>. Acesso em 26 jun. 2021.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. Internet & Sociedade, v. 1, n. 1, 92-120, 2020b. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/serifcomo-vencer-uma-eleicao-sem-sair-de-casaserif-ascensao-do-populismo-digital-no-brasil/>>. Acesso em 30 jun. 2021.

CIOCCARI, D.; PERSICHETTI, S. A campanha eleitoral permanente de Jair Bolsonaro: O deputado, o candidato e o presidente. Lumina, v. 13, n. 3, p. 135-151, 30 dez. 2019.

DEZÉ, Alexandre. Pour une iconographie de la contestation. Cultures & Conflits [En ligne], 91/92, automne/hiver 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/conflits/18773>>. DOI: 10.4000/conflits.18773

DIJCK, José Van. A sociedade da Plataforma: entrevista com José Van Dijck. 2019. Disponível em: <<https://digilabour.com.br/2019/03/06/a-sociedade-da-plataformaentrevista-com-jose-van-dijck/>>. Acesso em 3 jul. 2021.

DROOGERS, André. 1987. “A Religiosidade Mínima Brasileira”. Religião e Sociedade, v. 14, n. 2. Rio de Janeiro: Instituto de Estudos da Religião, 1987. p. 63-86.

DE GROOT, Kees. (2012), "Playing with religion in contemporary theatre". *Implicit Religion*, 15 (4):457-475.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; GOMES, Edlaine de Campos; MENEZES, Rachel Aisengart; NATIVIDADE, Marcelo (Org.). *Valores religiosos e legislação no Brasil: a tramitação de projetos de lei sobre temas morais controversos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. (2006), "À guisa de introdução: o que perguntamos à família e à religião?" In: Luiz Fernando Dias Duarte et al. (ed.). *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

GHERMAN, Michel. *Deus e Diabo na Terra Santa: pentecostalismo brasileiro em Israel*. *WebMosaica: Revista do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall* v.1 n.1 (jan/jun) 2009.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e mitologias políticas*. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GOMES, Edlaine. *A Era das Catedrais: a autenticidade em exibição*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

GOMES, Edlaine de Campos; SÁ, Monique (2016). *Ser jovem é ser visionário: a controvérsia em torno do projeto Gladiadores do Altar*. *Anais Dos Simpósios Da ABHR*, (2). Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/1259>.

GORWA, Robert; GUILBEAULT, Douglas. *Unpacking the social media bot: a typology to guide research and policy [ahead of print]*. *Policy & Internet*, 2018. p. 1-20. DOI:10.1002/poi3.184

GUTIERREZ, Carlos Andrade Rivas. "Bnei anussim": uma experiência de judaísmo na periferia paulistana. Dissertação de mestrado (Antropologia Social). São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social / Universidade de São Paulo, 2010.

HALBWACHS, Maurice (2008). *La topographie légendaire des évangiles en Terre Sainte*. Paris: Universitaires de France.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

KALIL, Leticia *et al.* *Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro*. [Relatório de pesquisa]. São Paulo: Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.fesp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>> Acesso em 12 de julho, 2021.

KANTOROWICZ, Ernst H. *Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KOPYTOFF, Igor. *The cultural biography of things: commodization as a process*. In: APPADURAI, Arjun (Ed.). *The social life of things: commodities in cultural perspective*. New York: Cambridge University Press, 1986. p. 64-91.

LAPORTE, Dominique. *Historia de la mierda*. Tradução de Nuria Pérez de Lara. 3 Ed. Valencia: Pre-Textos, 1998.

- LATOURE, Bruno. O que é iconoclash? Ou, há um mundo além das guerras de imagens? Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 29, pp. 111-150, jan./jun, 2008.
- LEHMANN, David. Ritual, text and politics: the evangelical mindset and political polarization. In: HATZIKIDI, Katerina, DULLO, Eduardo (Org.). A Horizon of (im)possibilities: a chronicle of Brazil's conservative turn. London: University of London Press, 2021. p. 103-120.
- LEIRNER, Piero. O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.
- MARIZ, Cecília. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais, v. 47, n. 1, 1999. p. 3348.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. (trad. Paulo Neves) São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- NATIVIDADE, Marcelo Tavares, ALVES, Bruno, ROCHA, Romulo. Políticas Sexuais, Saúde e Violência em Tempos de Pandemia da Covid-19. Revista TOMO. n. 39, p. 45-84. Editora UFS, jul./dez. 2021.
- NVI. (2020). Bíblia. Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida.
- PAVEAU, Marie-Anne. Technographismes en ligne: énonciation matérielle visuelle et iconisation du texte. Corela [En ligne], HS-28, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/corela/9185>, DOI: 10.4000/corela.9185
- PINHEIRO-MACHADO, Rosana e SCALCO, Lucia, 2018. Da esperança ao ódio: juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo. In: Cadernos IHU Ideias, v. 16, n. 278, p. 2-13. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/278cadernosihuideias.pdf>> Acesso em 7 de junho, 2020.
- POPOLIN, G. Intervenção militar já: os memes da internet e o imaginário da nova direita brasileira sobre a ditadura civil-militar. POLIVANOV, Beatriz; ARAÚJO, William; OLIVEIRA, Caio C. G. ; SILVA, Tarcízio (Org.). Fluxos em redes sociotécnicas: das micronarrativas ao big data In: São Paulo: Intercom, 2019. p. 283307.
- REZENDE, Claudia; COELHO, Maria Coelho. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- ROCHA, João Cesar de Castro. O culto da morte forjou o Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. In: Cadernos IHU Ideias, 2021. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-Luminanoticias/entrevistas/607920-o-culto-a-morteforjou-o-brasil-acima-de-tudo-deus-acima-de-todos-entrevista-especial-com-joao-cezar-de-castro-rocha>. Acesso em 17 jun. 2021.
- SCHMITT, Carl. O conceito do político. Tradução de Álvaro L. M. Valls. Petrópolis: Vozes, 1992.
- SOUZA, Ícaro J. de Bem antes da eleição: Uma Análise da Campanha Permanente Promovida Por Bolsonaro Durante A 55ª Legislatura (2015-2018). In: ANAIS ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA –

8 Compolítica. Brasília: UNB, 2019. p. 1-25. Disponível em:

<http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT6/gt6_Sousa.pdf>, acesso 21 de out, 2019.

TURNER, Victor W. Symbols in African ritual. In: DOLGIN, Janet. L.; KEMNITZER, David. S.; SCHNEIDER, David. M. (Ed.). Symbolic anthropology: a reader in the study of symbols and meanings. New York: Columbia University Press, 1977. p. 183-194.

TURNER, Victor W. Social Dramas and Stories About Them. *Critical Inquiry*, 7, n. 1. Autumn 1980. p. 141-168.

VEBLÉN, Thorstein. *The theory of the leisure class*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

VITAL, Christina. A criação do Complexo de Israel e sua relação com o crescimento do pentecostalismo em periferias – Rio de Janeiro, Brasil. *Anuário Antropológico*, v. 49, no. 1, 2024.

VITAL, Christina. *Oração de traficante*. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

WEBER, Max. Capítulo V: Sociologia da religião (tipos de relações comunitárias religiosas). In: *Economia e Sociedade I: fundamentos de sociologia compreensiva*. 3 Ed. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000. p. 279-418.

OUTRAS FONTES

AGÊNCIA ESTADO. (2018). Vídeos de evangélicos na web alimentam tom de adoração a Bolsonaro. *Correio Braziliense*. [Agência Estado]. 04 out. 2018. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/10/04/interna_politica,710063/videos-de-evangelicos-na-web-alimentam-tom-de-adoracao-a-bolsonaro.shtml> Acesso em 26 jun. 2021.

ARIAS, Juan. Por que Bolsonaro quis ressuscitar o milagre de seu atentado? *El País* (edição brasileira). 03 mai. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/04/opinion/1556924573_852687.html>. Acesso em 6 jun. 2021.

AROEIRA, Renato. Estupidossauro bolsonarus: a maior besta que já caminhou sobre a face da Terra. *O Globo*, 28 jun. 1993. Primeiro caderno, p. 1. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-aoacervo/?navegacaoPorData=199019930628>>. [charge política]. Acesso em 14 jul 2021.

AROEIRA, Renato. “Estupidossauro bolsonarus” ataca novamente. [charge política]. *Brasil 247* [Online]. 29 jun. 2021. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/charges/estupidossauro-bolsonarus-ataca-novamente>>. Acesso em 22 jun. 2021.

BARBOSA Jr., Zé. O Nosso General é Cristo! A gênese do bolsonarismo evangélico. *Revista Fórum*. 16 jul. 2021. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/rede/generalcristo-genese-bolsonarismo-evangelico/>>. Acesso em 18 jul. 2021.

BITTENCOURT, Julinho. Bolsonaro já defendeu a tortura e o fuzilamento de FHC: veja vídeo. Revista Fórum. 10 out. 2017. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-ja-defendeu-tortura-e-o-fuzilamento-defhc-veja-o-video/>>. Acesso em 29 jun. 2021.

BOLSONARO, Jair Messias. O salário está baixo. Revista Veja. 03 set. 1986. São Paulo: Editora Abril. p. 154.

BOLSONARO, Jair Messias. Revista Veja: "Militares que não chegam ao topo da carreira são 'bunda-suja'". 7 out. 2017. Facebook: jairmessias.bolsonaro. Disponível em <<https://web.facebook.com/watch/?v=928698703945783>>. Acesso em 13 jul. 2021.

BOLSONARO, Jair Messias. Que bacana! Apoiadores de Bolsonaro Rio Jordão! YouTube: Jair Bolsonaro. 2018?. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dPjg6lN7Le8>>. Acesso em 13 jul. 2021.

BOLSONARO, Jair Messias. Mais um desafio, consequência da tentativa de assassinato promovida por antigo filiado ao PSOL, braço esquerdo do PT (...). 14 jul. 2021. Instagram: jairmessiasbolsonaro. Disponível em: <<https://www.instagram.com/jairmessiasbolsonaro/>>. Acesso em 16 jul. 2021.

CARVALHO, Daniel. Em meio a crise, Bolsonaro vai a missa com transmissão ao vivo em TV pública. Folha de São Paulo. 1 jul. 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/07/em-meio-a-crise-bolsonaro-vai-a-missacom-transmissao-ao-vivo-em-tv-publica.shtml>>. Acesso em 10 jul. 2021.

COSTA, Ana Clara. A ameaça Bolsonaro. [Matéria de capa]. Veja. 05 out. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/revista-veja/a-ameaca-bolsonaro-2/>>. Acesso em 04 jul. 2021.

D'AGOSTINHO, Antônio. Caricatura do excelentíssimo. 17 abr. 2021. Instagram: tonidagostinho. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CNpf38hn0Bo/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

D'AGOSTINHO, Antônio. Zumbi. 23 jun. 2021. Instagram: tonidagostinho. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CQeqolDnE4M/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

EGYPTO, Luiz. Capitão Bolsonaro: a história esquecida. Observatório de Imprensa. 6 de abril, 2011. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/jornalde-debates/capitao-bolsonaro-a-historia-esquecida/>>. Acesso em 30 jun. 2021.

ESTADÃO CONTEÚDO. (2018). Após facada, Bolsonaro passa por cirurgia em Juiz de Fora (MG). Isto É. [Agência Estado] 06 jun. 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/bolsonaro-pode-sofrido-tido-lesao-no-figado-diz-globo/>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

FERREIRA, Wilson. Outra semana de guerra híbrida: fechamento da pauta midiática e do universo de locução. Revista Fórum. 01 nov. 2020. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/blogs/cinegnose/outra-semana-de-guerra-hibridafechamento-da-pauta-midiatica-e-do-universo-de-locucao/>>. Acesso em 16 jul. 2021.

G1. (2018). Bolsonaro leva facada em MG: veja repercussão. Portal G1, 06 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/09/06/bolsonaro-leva-facadaveja-repercussao.ghtml>>. Acesso em 6 jul. 2021.

GEISEL, Ernesto. Os militares, a política e a democracia. [Entrevista ao Centro de Pesquisa e Documentação em História do Brasil Contemporâneo, CPDOC]. In: D'ARAÚJO, Maria Celina; CASTRO, Celso (Org.). Ernesto Geisel. 3. Ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997. p. 105-124.

HAUBERT, Mariana. Mulher de Bolsonaro diz que quer 'fazer a diferença'. Terra. 28 out. 2018. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/politica/ementrevista-a-record-mulher-de-bolsonaro-diz-que-quer-fazer-adiferenca,43337f15f1ca556125f423a8757c1ebamghaxwd2.html>>. Acesso em 6 jun. 2021.

JOVEM PAN. (2018). Bolsonaro participa de culto e diz que "Deus capacita os escolhidos". Jovem Pan. 31 out. 2018. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/programas/jornal-damanha/bolsonaro-participa-de-culto-e-diz-que-deus-capacita-os-escolhidos.html>>. Acesso em 30 jun. 2021.

LARA, Matheus. Cai o apoio em geral e dos evangélicos ao presidente. [Entrevista com Ronaldo de Almeida]. Estado de São Paulo, 28 jun. 2021. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cai-o-apoio-em-geral-e-dos-evangelicosao-presidente,70003761486>> Acesso em: 29 de junho, 2021.

LEIRNER, Piero. Uma contribuição para o anti-bolsonarismo. SUL 21, 9 out. 2018. Disponível em: <<https://sul21.com.br/opinioao/2018/10/uma-contribuicao-para-o-antibolsonarismo-por-piero-leirner/>>. Acesso em: 7 de julho, 2021.

NASCIMENTO, Jairo. Quem é Pastor Everaldo, preso em operação de fraude de contratos no Rio. CNN Brasil. 28 ago. 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/08/28/quem-e-pastor-everaldo-presoperacao-sobre-fraude-de-contratos-no-rio>>. Acesso em 17 jun. 2021.

REDE GLOBO. (2018). Jair Bolsonaro começou o dia em culto neste domingo. [Vídeo televisionado]. Exibido em 04 nov 2018. Rio de Janeiro: Rede Globo. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/7137585/>>. Acesso em 30 jun. 2021.

RIBEIRO, Ricardo. Em live com religiosos, Bolsonaro compara facada à ressurreição de Cristo. Revista Fórum. 12 abr. 2020. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/em-live-com-religiosos-bolsonaro-comparafacada-a-ressureicao-de-cristo/>>. Acesso em 6 jul. 2021.

SAMPAIO, Inaldo. Edir Macedo "batiza" Bolsonaro pela terceira vez. CBN Recife. 02 set. 2019. Disponível em: <https://www.cbnrecife.com/inaldosampaio/artigo/edirmacedo-batiza-bolsonaro-pela-terceira-vez>. Acesso em 15 jul. 2021.

SCHWARCZ, Lilia M. Lilia Moritz Schwarcz no Instagram: "Jean Willys fala sobre a importância do dia 28 de junho para a comunidade LGBTQI+". 28 jun. 2021. Instagram: [liliaschwarcz](https://www.instagram.com/p/CQqdZDqnsMp/). Disponível em <<https://www.instagram.com/p/CQqdZDqnsMp/>>. Acesso em 10 jul. 2021.

SCHWARCZ, Lilia M. Mais um capítulo da série cenas de um hospital. Instagram: [liliaschwarcz](https://www.instagram.com/p/CRIrfA2HMQg/?utm_medium=share_sheet). Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRIrfA2HMQg/?utm_medium=share_sheet>. Acesso em 21 jul. 2021.

SILVA, Esequias Soares (Org.) Declaração de Fé das Assembleias de Deus. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

VEJA. (1987). Pôr bombas nos quartéis, um plano na Esao. Revista Veja, 28 out. 1987. São Paulo: Editora Abril. p. 40-4.

Edlaine de Campos Gomes

Doutora em Ciências Sociais pela Uerj com pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ).

Júlio César de Lima Bizarria

Doutor em Memória Social (Ciências Sociais Aplicadas) pela UniRio, membro do Comitê de Pesquisa para a Sociologia da Religião da Associação Internacional de Sociologia e do Grupo Temático para os Direitos Humanos e a Justiça Global, ambos da Unesco.

Juliana Baptista Pereira

Mestre em Memória Social e licenciada em Ciências Sociais pela UniRio.